



OS BRIDGERTONS — 7

Julia Quinn

UM BEIJO INESQUECÍVEL





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

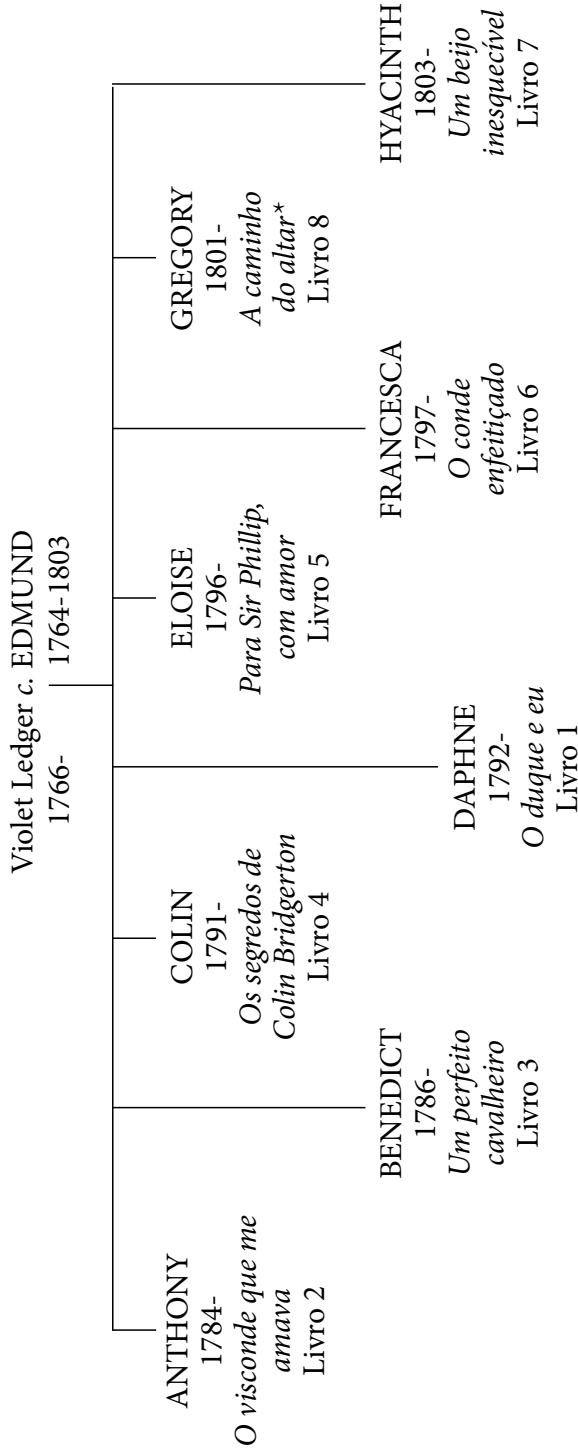
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Steve Axelrod, por cem razões diferentes.
(Mas, especialmente, pelo caviar!)

E também para Paul, apesar de ele achar que
sou o tipo de pessoa que gosta de compartilhar caviar.

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BRIDGERTON



* Título provisório.

PRÓLOGO

1815, dez anos antes de a nossa história começar de verdade...

Gareth St. Clair tinha quatro princípios básicos para manter o bom humor e a sanidade no relacionamento com o pai.

Um: eles só conversavam se fosse absolutamente necessário.

Dois: as conversas absolutamente necessárias deviam ser as mais breves possíveis.

Três: quando trocassem mais do que um simples cumprimento, era sempre preferível que houvesse uma terceira pessoa presente.

E, por fim, quatro: para que os pontos um, dois e três fossem cumpridos, Gareth devia conseguir acumular o maior número de convites possível para passar as férias escolares com amigos.

Em outras palavras, não em casa.

Em palavras ainda mais precisas, longe do pai.

De modo geral, quando se dava o trabalho de pensar a respeito – o que não era frequente, agora que transformara as táticas de evasão numa ciência –, Gareth achava que esses princípios lhe serviam bem.

E também serviam bem ao pai, pois Richard St. Clair gostava do filho mais novo tanto quanto o caçula gostava dele. Por isso Gareth ficara tão surpreso ao ser convocado à sua casa quando estava na escola. E o convite fora feito com bastante vigor.

A missiva do pai não continha a menor ambiguidade: Gareth devia se dirigir à Casa Clair imediatamente.

Aquilo era um tanto irritante. Como faltavam apenas dois meses para que deixasse Eton, a vida estava em plena marcha na escola, uma inebriante mistura de divertimento e estudo, com a ocasional incursão clandestina ao pub local, sempre tarde da noite e envolvendo vinho e mulheres.

Gareth vivia exatamente como um rapaz de 18 anos desejaria viver. Contanto que permanecesse fora da linha de visão do pai, pensara que a

vida aos 19 seria igualmente abençoada. No outono, pretendia ir com todos os amigos mais próximos para Cambridge, onde tinha a intenção de se dedicar com igual fervor aos estudos e à vida social.

Olhando à sua volta, já no vestibulo da Casa Clair, deixou escapar um longo suspiro que deveria soar impaciente, mas acabou por sair mais nervoso do que qualquer outra coisa. O que o barão – como começara a chamar o pai – queria? Havia muito tempo ele anunciara que não se importava com o caçula e só estava pagando a sua instrução porque isso era o esperado.

Ou seja, mandara o filho para uma boa escola porque não desejava ficar mal aos olhos dos amigos e dos vizinhos.

Quando Gareth e o pai de fato se encontravam, o barão passava o tempo todo afirmando que o garoto era uma decepção, levando Gareth a querer contrariar Richard ainda mais. Afinal, não havia nada tão bom como confirmar as expectativas alheias.

Sentindo-se um estranho na própria casa, Gareth batia o pé no chão enquanto esperava que o mordomo avisasse o pai de sua chegada. Passara tão pouco tempo ali nos últimos nove anos que era difícil ficar apegado ao lugar. Para ele, não era mais do que um monte de pedras que pertenciam ao pai e que acabariam sendo passadas para o irmão mais velho, George. Nada da casa e nada da fortuna dos St. Clairs seria transmitido a Gareth e ele sabia que deveria trilhar o próprio caminho naquele mundo. Supunha que entraria para o Exército depois de Cambridge; a única outra vocação aceitável era o clero e ele não se encaixava *nem um pouco*.

Gareth tinha poucas recordações da mãe, que morrera em um acidente quando ele tinha 5 anos, mas se lembrava de ela desalinhar os seus cabelos e de rir por ele nunca levar nada a sério.

– Meu diabinho, é o que você é – costumava dizer. – Não abandone esse seu jeito. O que quer que você faça, não o perca.

Ele não o perdera. E duvidava muito que a Igreja Anglicana desejasse vê-lo entre os seus.

– Mestre Gareth.

Gareth ergueu a vista ao ouvir a voz do mordomo. Como sempre, as frases de Guilfoyle eram sem inflexão, jamais com interrogações.

– Seu pai o receberá agora. Está no escritório.

Gareth assentiu para o mordomo idoso e se dirigiu pelo corredor até o escritório de Richard, que sempre fora o seu aposento menos querido da

casa. Era ali que o pai ministrava seus sermões, dizia que ele jamais daria para coisa nenhuma, afirmava gelidamente que nunca deveria ter tido um segundo filho, pois Gareth não era mais do que um desperdício das finanças da família e uma mancha em sua reputação.

Não, pensou Gareth enquanto batia à porta, não havia lembranças felizes naquele lugar.

– Entre!

Gareth empurrou a pesada porta de carvalho e deu um passo para dentro. O pai estava sentado atrás da escrivaninha, rabiscando algo numa folha de papel. Pareceu-lhe bem, pensou Gareth, casualmente. O pai sempre parecia estar bem. Tudo seria mais fácil se ele tivesse se transformado em alguém de aparência menos digna, apenas uma casca de homem, de cara avermelhada, mas não, lorde St. Clair estava em boa forma, era forte e dava a impressão de ter 30 anos, e não 50 e tantos.

Tinha a aparência de um homem que um menino como Gareth deveria respeitar. E isso tornava ainda mais cruel a dor da rejeição.

Gareth esperou pacientemente até que o pai erguesse a vista. Como isso não aconteceu, pigarreou.

Nenhuma reação.

Gareth tossiu.

Nada.

Gareth rangeu os dentes. Esta era a rotina do pai: ignorá-lo por um tempo, para lhe lembrar que não o considerava digno de nota.

Gareth pensou em dizer “senhor”, “milorde” e, até mesmo, “pai”, mas ao final apenas relaxou o corpo de encontro ao batente da porta e se pôs a assobiar.

O pai ergueu os olhos imediatamente.

– Pare.

Gareth arqueou a sobrancelha e ficou em silêncio.

– E fique em pé direito. Por Deus – disse o barão, irritado –, quantas vezes eu já lhe disse que assobiar é falta de educação?

Gareth esperou um segundo e perguntou:

– Devo responder ou é uma pergunta retórica?

O rosto do pai ficou avermelhado.

Gareth engoliu em seco. Não devia ter dito aquilo. Sabia que o tom deliberadamente jocoso enfureceria o barão, mas de vez em quando era tão

difícil ficar de boca fechada... Passara anos tentando fazer com que o pai gostasse dele, mas, por fim, desistira.

Agora, se pudesse ter a satisfação de deixar o velho tão infeliz quanto ele o deixava, que assim fosse. Cada um encontrava os seus prazeres onde podia.

– Estou surpreso que esteja aqui – comentou o pai.

Gareth pestanejou, aturdido.

– O senhor me mandou vir.

A triste realidade era que jamais havia desafiado o pai. Não de verdade. Cutucava, incitava, acrescentava um toque de insolência a cada uma de suas afirmações e ações, mas nunca se portava de maneira explicitamente desafiadora.

Era um covarde miserável.

Em seus sonhos, ele reagia. Em seus sonhos, dizia ao pai o que achava dele, mas, na vida real, o desafio se limitava a assobios e expressões mal-humoradas.

– Mandei, sim – disse o pai, recostando-se ligeiramente na cadeira. – Porém nunca dou uma ordem esperando que a siga da forma correta. Você raramente o faz.

Gareth permaneceu em silêncio. O barão ficou de pé e andou até uma mesa próxima, onde mantinha um decanter de conhaque.

– Imagino que esteja se perguntando do que se trata.

Gareth assentiu, mas o pai não se deu o trabalho de olhá-lo, então ele acrescentou:

– Sim, senhor.

O barão sorveu o conhaque com grande satisfação e Gareth aguardou enquanto ele saboreava o líquido âmbar. Por fim, Richard se virou e, com um olhar de frio escrutínio, disse:

– Descobri uma maneira de você ser útil à família St. Clair.

Gareth ergueu a cabeça abruptamente.

– É mesmo... senhor?

O pai tomou outro gole, então baixou o copo.

– Com efeito. – O barão olhou diretamente para Gareth pela primeira vez durante a conversa. – Você vai se casar.

– Senhor? – indagou Gareth, quase engasgando.

– Este verão – confirmou lorde St. Clair.

Gareth agarrou o espaldar da cadeira para se manter em pé. Pelo amor de Deus, ele só tinha 18 anos. Era jovem demais para se casar. E quanto a Cambridge? Será que poderia estudar depois de casado? E onde ficaria a esposa?

E com quem iria se casar?

– Trata-se de um ótimo acordo – continuou o barão. – O dote restabelecerá as nossas finanças.

– As nossas finanças, senhor? – sussurrou Gareth.

Lorde St. Clair cravou o olhar no filho como se fincasse garras.

– Estamos hipotecados até a alma – respondeu asperamente. – Mais um ano e perderemos tudo o que não fizer parte da linha de sucessão.

– Mas... como?

– Eton não é uma escola barata – vociferou o barão.

Não, mas certamente não era cara o bastante para levar a família à mendicância, pensou Gareth, desesperado. Aquilo não podia ser *apenas* culpa sua.

– Você pode até estar desapontado – continuou o pai –, mas nunca me esquivei das minhas responsabilidades. Você recebeu a educação de um cavalheiro. Teve um cavalo, roupas e um teto sobre a cabeça. Agora é hora de se comportar como um homem.

– Com quem? – sussurrou Gareth.

– Como?

– Com quem? – repetiu ele, um pouco mais alto.

– Mary Winthrop – revelou o pai, sem muito rodeio.

Gareth sentiu o sangue se esvaír do corpo.

– Mary...

– Filha de Wrotham – acrescentou o pai.

Como se Gareth não soubesse.

– Mas Mary...

– Será uma ótima esposa – interrompeu o barão. – Será dócil, e você poderá deixá-la no interior se desejar vadiar pela cidade com os tolos dos seus amigos.

– Mas, pai, Mary...

– Já aceitei em seu nome. Está feito. Os acordos já foram assinados.

Gareth lutava para respirar. Aquilo não podia estar acontecendo. Não deveria ser permitido forçar um homem a se casar.

– Wrotham gostaria que fosse em julho – acrescentou o pai. – Eu disse que não temos objeções.

– Mas... Mary... – falou Gareth, arfante. – Eu não posso me casar com Mary!

Uma das sobranceiras grossas do pai se arqueou.

– Você pode e vai se casar.

– Mas, pai, ela é... ela é...

– Simplória? – completou o pai e riu. – Quando ela estiver embaixo de você na cama, não vai fazer a menor diferença. De qualquer forma, não precisa ter nenhuma relação com ela agora. – Aproximou-se do filho até estarem desconfortavelmente próximos. – A única coisa que precisa fazer é aparecer na igreja. Compreende?

Gareth permaneceu em silêncio, imóvel. Só conseguia respirar.

Conhecia Mary Winthrop desde sempre. Era um ano mais velha do que ele, e as propriedades das duas famílias ficavam uma ao lado da outra havia mais de um século. Tinham brincado juntos na infância, mas logo ficara claro que Mary não era exatamente boa da cabeça. Gareth permanecera como seu defensor sempre que se encontrava na região; fizera sangrar mais de um valentão que a insultara ou quisera se aproveitar de sua natureza doce e despreziosa.

Mas não podia se *casar* com ela. Mary era como uma criança. Isso devia ser pecado. E, mesmo que não fosse, não podia tolerar a ideia. Como Mary compreenderia o que deveria acontecer entre um homem e sua esposa?

Nunca poderia dormir com ela. Nunca.

Gareth se limitou a fitar o pai, sem palavras. Pela primeira vez na vida, não lhe veio uma resposta fácil, uma réplica insolente.

Não havia palavras. Simplesmente não havia palavras para um momento como aquele.

– Vejo que estamos de acordo – disse o barão, sorrindo diante do silêncio do filho.

– Não! – explodiu Gareth, a sílaba única saiu rasgando tudo por dentro.

– Não! Eu não posso!

Os olhos do pai se estreitaram.

– Você vai estar lá nem que eu precise amarrá-lo.

– Não! – Ele teve a sensação de estar engasgando, mas, de alguma forma, conseguiu emitir as palavras. – Pai, Mary é... bem, ela é uma criança.

Nunca vai ser mais do que uma criança. O senhor sabe disso. Não posso me casar com ela. Seria pecado.

O barão riu, aliviando a tensão.

– Está tentando me convencer de que logo *ocê* se converteu?

– Não, mas...

– Não há nada a ser discutido – interrompeu o pai. – Wrotham foi bastante generoso com o dote; sabe bem que só assim pode se livrar daquela idiota.

– Não fale dela assim – sussurrou Gareth.

Não queria se casar com Mary Winthrop, mas a conhecia a vida toda e ela não merecia ser chamada daquela forma.

– É o melhor que você vai conseguir – avisou lorde St. Clair. – O melhor que terá. O acordo com Wrotham é extremamente generoso e vou providenciar para que você receba uma mesada, que o manterá com conforto pelo resto da vida.

– Uma mesada... – ecoou Gareth, sem emoção.

O pai deixou escapar uma risadinha curta.

– Achava que eu confiaria a você uma quantia alta de uma só vez? *A você?* Gareth engoliu em seco, desconfortável.

– E quanto à faculdade? – sussurrou.

– Você pode continuar a estudar. Na verdade, tem que agradecer à sua noiva por isso. Eu não teria tido a verba necessária para enviá-lo para lá sem o acordo de casamento.

Gareth ficou imóvel, tentando forçar a respiração a se assemelhar a algo de remotamente normal. O pai sabia quanto significava para ele frequentar Cambridge. Sobre uma coisa estavam de acordo: um cavalheiro precisava de uma instrução de cavalheiro. Não importava nem um pouco que Gareth desejasse ardentemente a experiência como um todo, tanto social quanto acadêmica, enquanto lorde St. Clair a via apenas como algo que um homem devia realizar para manter as aparências. Aquilo ficara decidido havia anos: Gareth estudaria lá e se diplomaria.

Mas, agora, parecia que lorde St. Clair sempre soubera que não podia pagar a instrução do filho mais jovem. Quando planejara lhe contar? Enquanto Gareth estivesse fazendo as malas?

– Está feito, Gareth – disse o pai asperamente. – E tem que ser você. George é o herdeiro e não posso permitir que ele macule a linhagem. Além

do mais – acrescentou, franzindo os lábios –, eu não o sujeitaria a uma coisa dessas.

– Mas me sujeitará? – sussurrou Gareth.

O pai o odiava, o desprezava tanto assim? Ergueu a vista para encarar o pai, para fitar o rosto que lhe trouxera tanta infelicidade. Nunca houvera um sorriso, uma palavra de encorajamento. Nunca um...

– Por quê? – Gareth ouviu-se dizer; as palavras pareciam ditas por um animal ferido, patético e lamentoso. – Por quê?

O pai limitou-se a ficar parado, segurando a beirada da mesa até os nós dos dedos ficarem brancos. E Gareth nada pôde fazer além de fitá-lo, de alguma forma hipnotizado pela visão mais do que corriqueira das mãos do pai.

– Eu sou seu filho – sussurrou, ainda incapaz de tirar os olhos das mãos do barão. – Seu filho. Como pode fazer isso com o próprio filho?

E então o pai – o mestre das réplicas mordazes, cuja raiva sempre vinha revestida de gelo em vez de fogo – explodiu. Ele abriu os braços de súbito e rugiu como um demônio.

– Por Deus, como é que você ainda não percebeu? Você não é meu filho! Nunca foi meu filho! Você não passa de um bastardo, de um cachorrinho sarnento que a sua mãe arranjou com outro homem enquanto eu estava viajando.

A raiva fluiu como algo quente e represado havia tempo de mais e atingiu Gareth como uma onda, redemoinhando à sua volta, apertando-o e sufocando-o até ele mal conseguir respirar.

– Não – disse, balançando a cabeça desesperadamente.

Não que isso nunca tivesse lhe passado pela cabeça, que já não tivesse desejado, mas não podia ser verdade. Ele se *parecia* com o pai. Tinham o mesmo nariz, não tinham? E...

– Eu o alimentei – falou o barão, a voz grave e dura. – Eu o vesti e o apresentei ao mundo como meu filho. Eu o sustentei, quando outro homem o teria atirado na rua. Já passou da hora de você retribuir o favor.

– Não – insistiu Gareth. – Não pode ser. Eu me pareço com o senhor. Eu...

Por um instante, lorde St. Clair permaneceu em silêncio. Então afirmou, amargo:

– Garanto que é apenas uma infeliz coincidência.

– Mas...

– Eu poderia tê-lo rejeitado quando você nasceu – interrompeu lorde St. Clair –, poderia ter mandado sua mãe embora e atirado os dois na rua. Mas eu não o fiz. – Ele se aproximou, ficando com o rosto muito próximo ao de Gareth. – Você foi aceito e é legítimo. – Então, com uma voz furiosa e grave, acrescentou: – Você me deve.

– Não – disse Gareth, a voz finalmente convicta. – Não. Não vou fazer o que está me pedindo.

– Eu cortarei os seus recursos. Você não verá mais um único centavo. Pode esquecer os seus sonhos de Cambridge, o seu...

– Não – repetiu Gareth e dessa vez soou diferente.

Sentiu-se diferente. Aquilo era o fim, deu-se conta. O fim da sua infância, o fim da sua inocência e o começo de...

Só Deus sabia do que era o começo.

– Para mim, basta de você – sibilou o pai... não, ele não era seu pai. – Basta.

– Que assim seja – declarou Gareth, e se retirou.

CAPÍTULO 1

Dez anos se passaram e conhecemos a nossa heroína que – é preciso dizer – nunca foi considerada uma florzinha tímida e discreta. O cenário é o recital anual dos Smythe-Smiths, uns dez minutos antes de o Sr. Mozart começar a se revirar no túmulo.

— **P**or que fazemos isso conosco? – perguntou-se Hyacinth Bridgerton em voz alta.

– Porque somos pessoas boas e generosas – respondeu a cunhada, Penelope, já sentada (que Deus as ajudasse) na primeira fila.

– Era para termos aprendido a lição no ano passado – persistiu Hyacinth, olhando para a cadeira que se encontrava ao lado de Penelope com a mesma animação com a qual olharia para um ouriço-do-mar. – Ou, talvez, no ano anterior. Ou, quem sabe, até...

– Hyacinth? – ralhou Penelope.

A Srta. Bridgerton olhou para a cunhada, erguendo a sobrancelha de forma interrogativa.

– Sente-se.

Hyacinth suspirou e se sentou.

O recital dos Smythe-Smiths. Por sorte, ocorria apenas uma vez ao ano, pois Hyacinth estava bastante convicta de que eram necessários doze meses para os ouvidos se recuperarem.

Deixou escapar outro suspiro, este mais alto do que o anterior.

– Não tenho certeza de que sou boa ou generosa.

– Eu, tampouco – comentou Penelope. – Mas resolvi ter fé em você, ainda assim.

– Muito engraçado da sua parte – retrucou Hyacinth.

– Eu também achei.

Hyacinth olhou para ela de soslaio.

– É claro que você não teve escolha.

Penelope se virou no assento, estreitando os olhos.

– Como assim?

– Colin se recusou a acompanhá-la, não foi? – indagou Hyacinth, com um olhar matreiro.

Colin era irmão de Hyacinth e se casara com Penelope um ano antes. A cunhada comprimiu os lábios.

– Eu adoro ter razão – disse Hyacinth, triunfante. – É uma felicidade para mim, pois isso acontece com bastante frequência.

Penelope se limitou a olhá-la.

– Você sabe que é intolerável, não sabe?

– É claro. – Hyacinth inclinou o corpo em direção a Penelope com um sorriso diabólico. – Mas você me ama ainda assim, admita.

– Não vou admitir coisa nenhuma até o fim da noite.

– Quando já estivermos surdas?

– Se você tiver se comportado.

Hyacinth riu.

– Você entrou para a família por casamento. Tem que me amar. É uma obrigação contratual.

– Engraçado, mas eu não lembrava que isso constava dos votos matrimoniais.

– Engraçado: eu lembro perfeitamente.

Penelope a encarou e riu.

– Não sei como você faz isso, Hyacinth... Apesar de ser irritante, sempre consegue ser encantadora.

– É o meu maior dom – esclareceu Hyacinth de forma recatada.

– Bem, você ganha pontos por ter vindo comigo esta noite – disse Penelope, dando um tapinha em sua mão.

– É claro. Apesar de meus modos insuportáveis, eu sou a essência da bondade e da amabilidade.

E teria que ser mesmo, pensou, contemplando a cena que se desenrolava sobre o pequeno palco improvisado. Mais um ano, mais um recital dos Smythe-Smiths. Mais uma oportunidade de aprender de quantas formas é possível estragar uma peça musical perfeitamente boa. Todos os anos, Hyacinth jurava que não voltaria a comparecer, então, de algum modo, se via outra vez no evento, sorrindo de forma encorajadora para as quatro meninas no palco.

– No ano passado eu pude me sentar lá no fundo, pelo menos – comentou Hyacinth.

– É verdade – concordou Penelope, virando-se para ela, desconfiada. – Como você conseguiu? Felicity, Eloise e eu estávamos todas aqui na frente. Hyacinth deu de ombros.

– Uma visita bem cronometrada ao lavatório das senhoras. Pensando bem...

– Não ouse tentar isso esta noite – avisou Penelope. – Se me deixar aqui sozinha...

– Não se preocupe – disse Hyacinth, com um suspiro. – Vou ficar aqui até o fim. Mas – acrescentou, apontando o dedo de uma forma que a mãe sem dúvida teria chamado de “muito pouco apropriada” a uma dama – quero que a minha devoção a você seja devidamente observada.

– Por que tenho a impressão de que você está registrando a pontuação de tudo e, quando eu menos esperar, vai saltar na minha frente exigindo algum favor?

Hyacinth pestanejou, aturdida.

– E por que eu haveria de saltar?

– Ah, olhe – disse Penelope, depois de fitar a cunhada como se ela fosse uma lunática –, aí vem Lady Danbury.

– Sra. Bridgerton – cumprimentou, ou melhor, latiu Lady Danbury – e Srta. Bridgerton.

– Boa noite, Lady Danbury – falou Penelope à condessa idosa. – Guardamos um lugar para a senhora bem aqui na frente.

Lady D estreitou os olhos e cutucou Penelope no tornozelo, de leve, com a bengala.

– Você está sempre pensando nos outros, não é mesmo?

– É claro – concordou Penelope, hesitante. – Eu nem sonharia em...

– Rá – fez Lady Danbury.

Aquela era a sílaba favorita da condessa. Essa e *humpf*.

– Passe para o outro assento, Hyacinth – ordenou Lady D. – Vou me sentar entre vocês duas.

Obedientemente, Hyacinth pulou uma cadeira para a esquerda.

– Acabamos de ponderar nossos motivos para vir – comentou ela, enquanto Lady Danbury se acomodava em seu lugar. – Eu não encontrei razão nenhuma.

– Não posso falar por você, mas *ela* – Lady D indicou Penelope com a cabeça – está aqui pelo mesmo motivo que eu.

– Pela música? – indagou Hyacinth, talvez um pouco educadamente demais.

Lady Danbury virou-se outra vez para Hyacinth, o rosto se contraindo naquilo que poderia ser considerado um sorriso.

– Sempre gostei de você, Hyacinth Bridgerton.

– Eu também sempre gostei da senhora.

– Imagino que seja porque vai ler para mim de vez em quando.

– Toda semana – lembrou-lhe Hyacinth.

– De vez em quando, toda semana... pfft. – A mão de Lady Danbury cortou o ar com um aceno desdenhoso. – É tudo a mesma coisa quando não se faz um esforço diário.

Hyacinth achou melhor não dizer nada. Lady D certamente encontraria uma forma de distorcer suas palavras, transformando-as numa promessa de visitá-la todas as tardes.

– E, eu devo acrescentar – começou Lady D, com uma fungada –, você foi extremamente descortês na semana passada, me deixando com a pobre Priscilla pendurada em um precipício.

– O que estão lendo? – perguntou Penelope.

– Srta. *Butterworth* e o *Barão Louco* – respondeu Hyacinth. – E ela não ficou pendurada. Ainda.

– Você leu mais adiante? – questionou Lady D.

– Não – respondeu Hyacinth, revirando os olhos. – Mas não é difícil de prever. A Srta. *Butterworth* já ficou pendurada em um prédio e em uma árvore.

– E continua viva? – indagou Penelope.

– Eu disse que ela ficou pendurada, não que foi enforcada – murmurou Hyacinth. – Que pena.

– De qualquer forma – insistiu Lady Danbury –, foi muito descortês da sua parte me deixar em suspense.

– Mas a autora terminou o capítulo assim – replicou Hyacinth, impenitente. – Além do mais, a paciência não é uma virtude?

– De forma alguma – disse Lady Danbury, enfática. – Se você pensa assim, é menos mulher do que eu imaginava.

Ninguém entendia por que Hyacinth visitava Lady Danbury toda terça-feira para ler, mas ela apreciava as tardes passadas com a condessa. Lady Danbury era rabugenta e excessivamente franca, e Hyacinth a adorava.

– Vocês duas juntas são uma ameaça – observou Penelope.

– Meu objetivo de vida – anunciou Lady Danbury – é ser uma ameaça para o maior número de pessoas possível, logo considero esse o maior dos elogios, Sra. Bridgerton.

– Por que a senhora só me chama de Sra. Bridgerton quando expressa as opiniões em grande estilo?

– Soa melhor – respondeu Lady D, batendo a bengala no chão.

Hyacinth deu um sorriso torto. Quando ficasse velha, queria ser exatamente como Lady Danbury. Na verdade, gostava mais da condessa idosa do que da maioria das pessoas que conhecia da própria idade. Depois de três temporadas no mercado casamenteiro, Hyacinth estava ficando um pouco cansada das mesmas pessoas, dia após dia. Os bailes, as festas, os pretendentes, que já haviam sido divertidos um dia... Bem, tudo ainda era divertido, ela precisava admitir. Hyacinth certamente não era uma dessas meninas que se queixava de toda a riqueza e privilégio que era forçada a tolerar.

Mas não era a mesma coisa. Já não prendia a respiração toda vez que entrava num salão de baile. E uma dança era, agora, apenas uma dança, e não mais o mágico rodopio que fora em anos passados.

Ela se deu conta de que o entusiasmo acabara.

Infelizmente, sempre que mencionava isso para a mãe, a resposta era: encontre um marido. Violet Bridgerton fazia enorme questão de assinalar que isso mudaria tudo.

Havia muito tempo, a mãe deixara a sutileza de lado quando o assunto era a solteirice da quarta e última filha. Tinha se transformado numa cruzada pessoal, pensou Hyacinth soturnamente. Esqueçam Joana D'Arc. Nem praga, peste ou amante pérfido desviariam Violet de Mayfair do objetivo de ver os oito filhos casados e felizes. Restavam apenas dois: Gregory e Hyacinth, embora ele tivesse apenas 24 anos, uma idade considerada aceitável (um tanto injustamente, na opinião da caçula) para um cavalheiro permanecer só.

Mas Hyacinth, com 22 anos? A única coisa que impedia o completo colapso da mãe era o fato de a irmã mais velha, Eloise, só ter ficado noiva na avançada idade dos 28 anos. Em comparação, Hyacinth estava praticamente de fraldas.

Ninguém poderia dizer que a moça era ignorada, mas até ela precisava admitir que estava se aproximando de tal posição. Havia recebido algumas propostas desde o seu debut, três anos antes, mas não tantas quanto seria de esperar, considerando o seu aspecto físico – não era a menina mais bonita da cidade, mas certamente melhor do que pelo menos metade – e a sua fortuna – não o maior dote do mercado, mas o bastante para que um caçador de fortunas a olhasse com mais atenção.

E as suas relações eram, é claro, não menos do que impecáveis. O irmão herdara do pai o título de visconde Bridgerton e, apesar de não ser a mais alta honraria do país, a família era imensamente popular e influente. E, se isso não fosse o bastante, a irmã Daphne era a duquesa de Hastings, e a irmã Francesca, a condessa de Kilmartin.

Se um homem quisesse se alinhar às famílias mais poderosas da Grã-Bretanha, podia arranjar coisa bem pior do que Hyacinth Bridgerton.

Mas se alguém se desse o trabalho de refletir sobre o número de propostas que Hyacinth recebera – o que ela não gostava de admitir ter feito –, a situação começava a parecer bastante ruim, de fato.

Três propostas na primeira temporada.

Duas na segunda.

Uma no ano anterior.

E, até o presente, nenhuma nesta.

O único argumento possível era que ela estivesse ficando menos popular. E se alguém, por acaso, fosse tolo o bastante para alegar isso, Hyacinth tomaria o partido oposto, apesar dos fatos e da lógica que se apresentavam.

E era bem provável que vencesse a discussão. Raramente havia um homem – ou mulher – mais espirituoso, articulado ou bom de debate do que Hyacinth Bridgerton. Num raro momento de autorreflexão, imaginou que isso pudesse ter a ver com o motivo pelo qual o número de propostas vinha caindo num ritmo tão alarmante.

Não importava, pensou, observando as Smythe-Smiths andarem em círculos pelo pequeno tablado montado na parte frontal do salão. Não que ela devesse ter aceitado qualquer uma das seis propostas: três vieram de caça-dotes, duas foram feitas por tolos e uma, por um homem extremamente enfadonho.

Era melhor permanecer solteira do que se acorrenatar a alguém que a entediaria a ponto de levá-la às lágrimas. A própria mãe, casamenteira inveterada, não tinha como refutar tal argumento.

Quanto à atual temporada sem propostas... Bem, se os cavalheiros da Grã-Bretanha não conseguiam apreciar o valor de uma mulher inteligente, dona da própria opinião, isso era problema deles, não seu.

Lady Danbury bateu a bengala no chão, errando o pé direito de Hyacinth por pouco.

– Por acaso vocês viram o meu neto? – perguntou.

– Qual neto? – indagou Hyacinth.

– Qual neto?! – ecoou Lady D, impaciente. – Qual neto?! O único de que eu gosto, ora.

Hyacinth nem mesmo se deu o trabalho de ocultar o choque.

– O Sr. St. Clair vem esta noite?

– Eu sei, eu sei – cacarejou Lady D. – Eu mesma mal consigo acreditar. Fico esperando que um feixe de luz divina se irradie através do teto.

Penelope franziu o nariz.

– Acho que isso é uma blasfêmia, mas não estou certa.

– Não é – assegurou Hyacinth, sem nem mesmo olhá-la. – E por que ele vem?

Lady Danbury sorriu lentamente. Como uma cobra.

– Por que está tão interessada?

– Estou *sempre* interessada em intrigas – respondeu Hyacinth, bem francamente. – Sobre qualquer um. A senhora já deveria saber disso.

– Muito bem – começou Lady D, um tanto rabugenta após ser frustrada.
– Ele vem porque eu o chantageei.

Hyacinth e Penelope a encararam com as sobrancelhas arqueadas.

– Está certo – admitiu Lady Danbury –, se não foi chantagem, pelo menos foi uma boa dose de culpa.

– É claro – murmurou Penelope, no momento exato em que Hyacinth disse:

– *Isso* faz muito mais sentido.

Lady D suspirou.

– É possível que eu tenha lhe dito que não estava me sentindo bem.

– É *possível*? – indagou Hyacinth.

– Eu disse, sim.

– Deve ter caprichado, para ele vir.

O senso dramático de Lady Danbury era admirável, em especial quando ela conseguia manipular os que a cercavam. Era um talento que Hyacinth também cultivava.

– Acho que nunca o vi num recital – comentou Penelope.

– Humpf – resmungou Lady D. – Estou certa de que não há libertinas o suficiente para o gosto dele.

Dita por qualquer outra pessoa, teria sido uma afirmação chocante. Mas aquela era Lady Danbury, e Hyacinth (assim como o resto da alta sociedade) havia muito se acostumara com as suas frases surpreendentes.

Além do mais, era preciso considerar o homem em questão.

O neto de Lady Danbury não era outro senão o notório Gareth St. Clair. Provavelmente ele não ficara com a reputação tão depravada só por sua culpa, refletiu Hyacinth. Havia muitos outros homens que se comportavam com igual falta de decoro, e um bom número que era estonteante, mas Gareth St. Clair era o único capaz de combinar os dois elementos com tanto sucesso.

Mas a sua reputação era abominável.

Ele estava na idade de se casar, mas nunca, nem uma vez, fora visitar uma jovem decente em sua casa. Hyacinth estava bastante certa disso, pois, se alguma vez ele tivesse apenas insinuado interesse por alguém, a notícia logo teria corrido à boca pequena. Além do mais, Lady Danbury lhe contaria, já que amava um mexerico ainda mais do que ela.

Havia, ainda, a questão do pai dele, lorde St. Clair. Os dois tinham uma conhecida desavença, mas ninguém sabia o motivo. Pessoalmente, Hyacinth achava que não comentar os problemas familiares em público era um ponto favorável a Gareth – em especial depois de ter conhecido o pai dele e de tê-lo achado extremamente grosseiro, logo acreditava que o jovem St. Clair não tinha culpa.

A situação acrescentava um ar de mistério ao homem, que já era carismático. Na opinião de Hyacinth, isso o transformava num desafio para as senhoras da alta sociedade. Ninguém parecia saber ao certo como encará-lo. Por um lado, as mães desviavam as filhas de seu caminho; com certeza uma ligação com Gareth St. Clair não faria bem à reputação de uma moça. Por outro lado, seu irmão morrera tragicamente jovem quase um ano antes e, agora, ele era o herdeiro do baronato. Portanto, transformara-se numa figura mais romântica e cobiçável. No mês anterior, Hyacinth vira uma moça desmaiar – ou pelo menos fingir desmaiar – quando ele se dignara a aparecer no Baile Bevelstoke.

Fora estarrecedor.

Hyacinth havia *tentado* dizer à tola infantil que ele estava ali apenas porque a avó o forçara a ir e, é claro, porque o pai estava viajando. Afinal, todos sabiam que ele só se associava com cantoras de ópera e atrizes – sem dúvida não se relacionaria com nenhuma das senhoras que talvez conhecesse no Baile Bevelstoke. Mas a menina não pôde ser dissuadida de seu estado para lá de emotivo e, por fim, acabara por despencar sobre um canapé vizinho, formando um amontoado suspeitosamente gracioso.

Hyacinth fora a primeira a encontrar um vinagrete e enfiá-lo debaixo do seu nariz. Sinceramente, determinados comportamentos não podiam ser tolerados.

Enquanto reanimava a jovem, Hyacinth o pegara espiando-a com aquele seu olhar vagamente zombeteiro e ela não pudera se livrar da sensação de que ele a achava divertida. Da mesma forma que ela achava divertidos crianças pequenas e cachorros grandes.

Não se sentira especialmente lisonjeada com a atenção dele, por mais breve que tivesse sido.

– Humpf – grunhiu.

Hyacinth se virou para encarar Lady Danbury, que ainda observava o salão em busca do neto.

– Ele não deve ter chegado – comentou Hyacinth, e acrescentou bem baixinho: – Ninguém desmaiou ainda.

– Hein? O que foi?

– Eu disse que ele não deve ter chegado.

Lady D estreitou os olhos.

– Eu ouvi essa parte.

– Foi só o que eu disse.

– Mentirosa.

Hyacinth olhou para Penelope.

– Ela me trata de maneira abominável, sabia?

Penelope deu de ombros.

– Alguém precisa se encarregar disso.

Lady Danbury abriu um largo sorriso e se voltou para Penelope.

– Pois sim, eu preciso perguntar... – Ela olhou para o palco, esticando o pescoço e semicerrando os olhos para enxergar melhor o quarteto. – É a mesma menina no violoncelo este ano?

Penelope assentiu tristemente. Hyacinth olhou para elas.

– Do que é que vocês estão falando?

– Se você não sabe – disse Lady Danbury de forma imponente –, então é porque não vem prestando atenção. Você deveria se envergonhar.

Hyacinth ficou de queixo caído.

– Bem... – começou ela, já que a alternativa era permanecer em silêncio e ela não gostava nem um pouco de fazer isso.

Nada era mais irritante do que ser excluída de uma piada. Exceto, talvez, ser repreendida por algo que nem ao menos compreendia. Virou-se outra vez para o palco e examinou a violoncelista com mais cuidado. Como não viu nada de extraordinário, encarou as suas companheiras e abriu a boca para falar, mas elas já estavam profundamente envolvidas numa conversa que não a incluía.

Odiava quando isso acontecia.

– Humpf. – Hyacinth se recostou na cadeira e repetiu: – Humpf.

– Você bufa exatamente como a minha avó – ela ouviu uma voz divertida por cima de seu ombro.

Hyacinth ergueu a vista. Lá estava ele, Gareth St. Clair, chegando bem naquele seu momento de frustração. E, é claro, o único lugar vazio era ao lado dela.

– Não é mesmo? – indagou Lady Danbury, fitando o neto enquanto batia a bengala no chão. – Ela vem substituindo você como a minha maior alegria e orgulho.

– Diga-me, Srta. Bridgerton – indagou o Sr. St. Clair, encurvando o canto dos lábios num zombeteiro meio sorriso –, por acaso a minha avó a está reconstruindo à própria imagem e semelhança?

Hyacinth achou profundamente irritante não ter uma réplica pronta para St. Clair.

– Mude de lugar outra vez, Hyacinth – bradou Lady D. – Preciso me sentar ao lado de Gareth.

Hyacinth se virou para dizer algo, mas Lady Danbury a interrompeu:

– Alguém precisa se certificar de que ele se comporte.

Hyacinth bufou ruidosamente e passou para o assento seguinte.

– Pronto, meu garoto – disse Lady D, dando um tapinha na cadeira vazia com óbvia satisfação. – Sente-se e divirta-se.

Ele a olhou por um longo instante antes de dizer por fim:

– Vai ficar me devendo esta, vovó.

– Rá! Sem mim, você não existiria.

– Um argumento difícil de refutar – murmurou Hyacinth.

St. Clair a encarou, provavelmente apenas porque isso lhe permitia desviar o olhar da avó. Hyacinth sorriu afavelmente para ele, satisfeita consigo mesma por não ter esboçado a menor reação.

Ele sempre a fizera pensar num leão feroz e predador, cheio de uma energia inquieta. Além disso, os cabelos eram de um castanho-dourado, curiosamente pairando entre o castanho-claro e o louro-escuro, e estavam sempre desalinhados. Gareth gostava de desafiar a convenção ao mantê-los longos apenas o bastante para amarrá-los num pequeno rabo, na nuca. Ele era alto, mas não tanto, com a elegância e a força de um atleta e um rosto que não chegava a ser perfeito, mas que era belo.

E os olhos eram azuis. Muito azuis. Desconfortavelmente azuis.

Desconfortavelmente azuis? Ela balançou a cabeça de leve. Aquele devia ser o pensamento mais idiota que já lhe passara pela cabeça. Os seus próprios olhos eram azuis e, sem dúvida, não havia nada de desconfortável nisso.

– E o que a traz aqui, Srta. Bridgerton? – perguntou ele. – Não sabia que era uma amante inveterada de música.

– Se ela amasse música – disse Lady D –, já teria fugido para a França.

– Ela realmente detesta ser excluída de qualquer conversa, não é mesmo? – murmurou Gareth sem se virar. – Ai!

– Bengala? – indagou Hyacinth com doçura.

– Ela é uma ameaça à sociedade – resmungou ele.

Hyacinth observou com interesse enquanto Gareth estendia a mão para trás e, sem nem mesmo virar a cabeça, puxava a bengala das mãos da avó.

– Pegue – disse ele, entregando-lhe a bengala. – Tome conta, está bem? Ela não vai precisar disso enquanto estiver sentada.

Hyacinth ficou de queixo caído. Nem mesmo ela jamais ousara mexer na bengala de Lady Danbury.

– Vejo que, enfim, consegui impressioná-la – comentou Gareth, recostando-se na cadeira com a expressão de quem está bastante satisfeito consigo mesmo.

– De fato – admitiu Hyacinth antes que pudesse se conter. – Quero dizer, não. Isto é, não seja tolo. Eu certamente não estava *não* impressionada por você.

– Mas que gratificante – murmurou ele.

– Quis dizer – emendou ela, rangendo os dentes com as próprias frases sem sentido – que eu não havia parado para pensar nisso.

Ele se deu umas batidinhas no lado esquerdo do peito.

– Fui ferido – disse, petulante. – E bem no coração.

Hyacinth trincou os dentes. A única coisa pior do que ser alvo de troça era não saber ao certo se você está sendo alvo de troça. Podia interpretar todo o resto de Londres como o texto de um livro. Mas, quando se tratava de Gareth St. Clair, não fazia a menor ideia. Espiou se Penelope os ouvia – não que isso tivesse importância –, mas Pen estava ocupada em aplacar Lady Danbury, que ainda sofria com a perda da bengala.

Hyacinth se remexeu no assento, sentindo-se desconfortavelmente espremida. Lorde Somershall – nem de longe a pessoa mais delgada do lugar – encontrava-se à sua esquerda, transbordando sobre a cadeira dela. Logo, teve que chegar um pouco para a direita, ficando, é claro, ainda mais próxima de St. Clair, que inegavelmente irradiava calor.

Meu Deus, será que o homem havia mergulhado em bolsas de água quente antes de sair de casa?

Hyacinth pegou o livreto do programa com o máximo de discrição possível e o usou para se abanar.

– Há algo errado, Srta. Bridgerton? – indagou ele, entortando a cabeça enquanto a olhava com curiosa diversão.

– É claro que não. É só que está um pouco quente aqui dentro, não acha?

Gareth a olhou por um segundo a mais do que ela teria gostado, então se virou para Lady Danbury.

– A senhora está com calor, vovó? – perguntou, solícito.

– Nem um pouco – veio a resposta, áspera.

Ele se virou de volta para Hyacinth com um leve dar de ombros.

– Deve ser você – murmurou.

– Deve ser – retrucou ela de má vontade, olhando para a frente com determinação.

Talvez ainda houvesse tempo de escapar para o lavatório de senhoras. Se fizesse isso, Penelope ia querer vê-la morta e esquartejada, mas será que contava como abandono, se havia duas pessoas sentadas entre elas? Além disso, com certeza poderia usar lorde Somershall como desculpa. Ele não parava de se remexer no assento e se chocar com ela de uma forma que Hyacinth não estava inteiramente convencida de ser acidental.

Hyacinth se deslocou um pouco para a direita. Dois centímetros ou nem isso. A última coisa que queria era ficar imprensada em St. Clair. Bem, a penúltima coisa, de qualquer forma. A corpulência de lorde Somershall era, decididamente, pior.

– Há algo errado, Srta. Bridgerton? – indagou St. Clair.

Ela balançou a cabeça, já firmando as mãos na cadeira, preparando-se para ficar de pé. Não podia...

Clap.

Clap clap clap.

Hyacinth quase gemeu. Era uma das Smythe-Smiths avisando que o concerto estava prestes a começar. Perdera a oportunidade. Agora já não havia forma de partir educadamente.

Pelo menos podia encontrar algum consolo no fato de que não era a única alma infeliz. Enquanto as senhoritas Smythe-Smiths erguiam os arcos para atacar os instrumentos, ouviu St. Clair soltar um gemido bem baixinho, seguido de um sofrido “Que Deus nos ajude”.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br